



**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO DA HUILA**

**ISCED-HUILA**

**Repartição de Ensino e Investigação de Português**



**Estratégias de Leitura para os alunos da 4ª classe da Escola Nº 09 do Ensino Primário de Dundo Central do Município do Chitato-Província da Lunda-Norte.**

**Autor:**

**Sapalo Chinguinheca**

**Lubango**

**2019**



**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO DA HUILA**  
**ISCED-HUILA**

**Estratégias de Leitura para os alunos da 4ª classe da Escola Nº 09 do Ensino Primário de Dundo Central do Município do Chitato-Província da Lunda-Norte**

Trabalho apresentado para a obtenção do grau de **Licenciado no Ensino da Língua Portuguesa**

**Autor: Sapalo Chinguinheca**

**Orientador: MSC. Licínio Moreira**

**Lubango**

**2019**

## **DEDICATÓRIA**

A Deus, pela vida e tudo quanto sou e tenho;

A toda minha família, esposa, filhos, irmãos e amigos!

## **AGRADECIMENTO**

Em primeiro lugar a Deus, pelo dom da vida;

À minha família

Ao meu orientador MSC. Licínio Moreira;

A todos que directa ou indirectamente ajudaram para terminar esta monografia.

## **Resumo**

O nosso trabalho aborda estratégias de leitura para os alunos da 4ª classe, da escola nº 09 do Ensino Primário do Dundo Central do Município do Chitato- Província da Lunda-Norte. Para a consecução do nosso trabalho, começamos por analisar os factores que estão na base de dificuldades na aprendizagem da leitura no ensino primário, caracterizando o estado actual dos níveis de leitura dos alunos do ensino primário e, conseqüentemente, propondo estratégias que possam ajudar os alunos a ultrapassar as mesmas dificuldades. Todas estas fases obedecem à aplicação de procedimentos metodológicos, que se consubstanciaram na elaboração, aplicação de guia de observação de leitura de alunos, bem como o inquérito aplicado aos docentes.

O questionário dos alunos foi composto por perguntas sobre o seu próprio grau de leitura, a etapa académica em que apreendeu, a possibilidade de saber ler noutras línguas e sobre as línguas faladas em casa.

No inquérito para os professores levantaram-se questões sobre a qualidade de leitura dos alunos, as principais dificuldades no acto de leitura e os métodos utilizados na sua aprendizagem.

Usamos uma ficha de observação de leitura, onde destacamos itens como correção na pontuação/entoação, influência da leitura, ritmo, expressividade e articulação.

A população do trabalho foi composta por 800 alunos e 5 professores de língua portuguesa. A amostra foi de 80 alunos e 5 professores.

Os professores responderam ao inquérito, assim como os alunos e os alunos ainda foram observados em relação aos itens avançados na ficha de leitura. Procedemos ao levantamento dos dados fornecidos pela amostra e que veem devidamente interpretados em percentagens colocados nas tabelas, o que veio a demonstrar uma necessidade de trabalhos que minimizem a insuficiência de estudo de leitura dos alunos da escola nº 09 do Dundo Central do município do chitato-província da Lunda-Norte.

**Palavras-chave:** Leitura; Ensino primário; Estratégias de leitura

## ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....	I
AGRADECIMENTO.....	II
Resumo.....	III
Introdução .....	1
Capítulo-I Caracterização Geográfica da Escola em estudo.....	3
1.1.Descrição .....	3
1.2. Organização de subsistemas de ensino em Angola.....	5
1.3. Caracterização do ensino primário.....	6
1.4. O perfil de professores do ensino primário.....	7
1.5. Objectivos de Ensino Primário em Angola .....	8
1.6 Metas curriculares do Ensino Primário, 4ª Classe.....	9
Capítulo II- Enquadramento Teórico .....	11
2.1. Panorâmica sobre a leitura.....	11
2.3 Requisitos para atingir capacidades gerais de competência de Leitura no aluno .....	15
2.4.Importância de ler.....	16
2.5. O significado do acto de ler .....	18
2.6. O ensino-aprendizagem da Leitura .....	19
2.7. Modelos de aprendizagem da leitura .....	20
2.7.1. Modelos ascendentes.....	20
2.7.2. Modelos descendentes.....	21
2.8. Classificação didáctica da Leitura .....	22
2.9. Cuidados a ter no acto de Leitura .....	23
2.10. Dificuldades de Leitura.....	24
2.11. O papel da Escola no incentivo à Leitura .....	25
2.12. A biblioteca escolar como Espaço de Promoção da Leitura.....	28
2.12. Método do ensino da Leitura .....	29
2.13. Relação entre Leitura e Escrita .....	31
Capítulo - III Análise e Tratamento de Dados.....	33

3.1. Metodologia.....	33
3.2. Levantamento dos dados fornecidos pela amostra .....	33
Capítulo IV- Propostas Metodológicas .....	41
Capítulo -V Conclusões e Sugestões.....	44
4.2 Sugestões .....	45
Bibliografia.....	48
Apêndice-1 .....	51

## Introdução

A motivação para este estudo ocorreu por duas razões: primeiro, enquanto Professor de ensino primário nos anos de 2005 a 2008, constatámos ao longo das aulas de leituras e interpretação de textos, alguns alunos apresentavam inúmeras insuficiências na leitura. A compreensão e interpretação dos textos deixavam muito a desejar. Segundo, enquanto radialista na Emissora Provincial da Lunda-Norte, propusemo-nos em recrutar crianças (alunos) a partir de escolas do ensino primário para integrarem o Programa Infantil como locutoras, notamos que num universo de oitenta (80) alunos à razão de vinte (20) seleccionados em quatro salas: 6-A, 7-B, 6-C e 7-D da escola número 9 do Dundo Central do Município do Chitato; ao longo da leitura dos excertos do jornal de Angola, dos Guiões de apresentação do espaço infantil da Rádio Lunda-Norte e textos de dois a três parágrafos de notícias elaboradas nos diários informativos da referida Rádio; os alunos, maioritariamente, soletravam de forma muito lenta, pulavam as palavras e não respeitavam os sinais de pontuação, sobretudo na ansia de desejarem apresentar uma leitura acelerada; logo, percebemos que algumas crianças apresentavam insuficiências na leitura e muito acentuadas. Assim, procuramos entender as dificuldades e aplicar exercícios ou propostas para proporcionar práticas produtivas de leituras na escola em causa, através do tema: *Estratégias de Leitura para os alunos da 4ª classe da Escola Nº 09 do Ensino Primário de Dundo Central do Município do Chitato- Província da Lunda-Norte.*

Em relação à metodologia adoptada para o nosso trabalho, privilegiamos uma metodologia descritiva, cuja técnica para colheita de dados é a aplicação de um inquérito por questionário aos alunos e professores inquiridos e ficha de observação de aula de leitura.

Com este trabalho objectivamos observar a leitura dos alunos do Ensino primário do Município de Chitato- Província da Lunda-Norte; Caracterizar o estado actual da aprendizagem da leitura dos alunos da 4ª classe da escola do Dundo Central; Descrever estratégias para aprendizagem da leitura de alunos da 4ª classe da Escola do Dundo Central; Elaborar Estratégias Metodológicas que mitiguem as insuficiências de leitura nos alunos da 4ª classe do Ensino

Primário da Escola Nº09 de Dundo Central, Município do Chitato-Província da Lunda-Norte.

O nosso trabalho está estruturado em quatro capítulos, conclusões, recomendações, bibliografia e anexos.

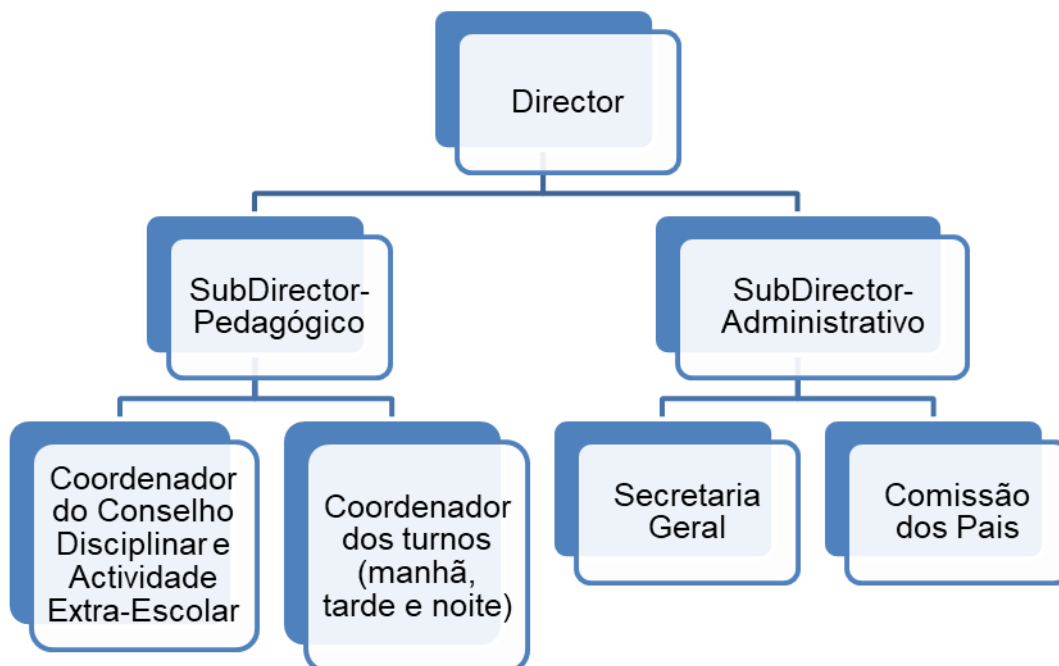
No capítulo I, fazemos a caracterização geográfica da escola em estudo com uma descrição pormenorizada, abordamos a organização do subsistema do ensino em Angola, caracterização do ensino primário, o perfil do professor do ensino primário, objectivos de ensino primário em Angola e metas curriculares do ensino primário de 4ª classe; no capítulo II, fazemos o enquadramento Teórico, panorâmica sobre a leitura, requisitos para atingir capacidades gerais de competência de Leitura no aluno, a importância de ler, o significado do acto de ler, o ensino-aprendizagem da Leitura, modelos de aprendizagem da leitura, desenvolvemos os modelos ascendentes e modelos descendentes da leitura, fazemos a classificação didáctica da Leitura, cuidados a ter no acto de Leitura, dificuldades de Leitura, abordamos o papel da Escola no incentivo à Leitura, a biblioteca escolar como espaço de Promoção da Leitura, método do ensino da Leitura e estabelecemos a relação entre Leitura e Escrita; no capítulo III, fazemos a análise e tratamento de dados, esboçamos a metodologia, identificamos a população e amostra dos alunos e professores; no capítulo IV, apresentamos as propostas, sugestões de propostas metodológicas e no capítulo V, fazemos as conclusões e recomendações da investigação, bem como, bibliografia e apêndices.

## Capítulo-I Caracterização Geográfica da Escola em estudo

### 1.1. Descrição

A escola de Dundo Central Nº 09 do município do Chitato-Província da Lunda – Norte, foi construída em 1957 pela antiga companhia de exploração de diamantes de Angola Diamanga. O seu funcionamento teve início um ano depois (1958) com objectivo de servir um pequeno grupo de filhos dos assimilados. A escola está localizada no centro da Vila do Dundo, hoje cidade (decreto presidencial 21/15 de 07 de janeiro), Município de Chitato, Província da Lunda-Norte. A escola possui 7 salas de aula, 3 gabinetes de apoio para os serviços administrativos (gabinete do director, do subdirector pedagógico e área administrativa), uma casa de banho inoperante, cantina escolar e um pátio.

Organigrama da escola do ensino primário Nº 09 do Dundo Central do município do Chitato-província da Lunda-Norte



A escola conta com sessenta e cinco (65) trabalhadores. 53 são docentes, sendo 46 mulheres, 7 homens e 12 trabalhadores não docentes.

### Nível acadêmico dos docentes

Quadro 1

NÍVEL ACADÊMICO		SEXO	
		MASCULINO	FEMININO
Técnico Médios	2		2
Bacharéis	2		2
Licenciados	1	1	
<b>Total</b>	<b>5</b>		

O ensino vai da iniciação até à 6ª classe nos seguintes horários:

Quadro 2

### Horário escolar

Horas	Classes
7 horas 30 às 12 horas e 45 minutos	Iniciação à 4ª classe
13 horas às 17horas e 45minutos	5ª e 6ª Classes
18 horas às 21horas	5ª e 6ª Classes

A escola funciona em três turnos, matinal, vespertino e noturno do ensino primário ao I ciclo.

O turno matinal começa com a 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup> classes, nos períodos das 7h30 às 12horas; nas salas 6-A, 7-B, 6 –C e 7-D.

Finalmente, o período nocturno que conta com o funcionamento da 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> classes.

## **1.2. Organização de subsistemas de ensino em Angola**

A educação constitui um processo que visa preparar o indivíduo para as exigências da vida política, económica e social do País e que se desenvolve na convivência humana, no círculo familiar, nas relações de trabalho, nas instituições de ensino e de investigação científica e técnica, nos órgãos de comunicação social, nas organizações comunitárias, nas organizações filantrópicas e religiosas e através de manifestações culturais e gimno-desportivas.

O sistema de educação é um conjunto de estruturas e modalidades, através das quais se realiza a educação, tendentes à formação harmoniosa e integral do indivíduo, com vista à construção de uma sociedade livre, democrática, de paz e progresso social.

O sistema de educação assenta na Lei Constitucional, no plano nacional e nas experiências acumuladas e adquiridas a nível internacional. O sistema de educação desenvolve-se em todo o território nacional e a definição da sua política é da exclusiva competência do Estado, cabendo ao Ministério da Educação e Cultura a sua coordenação.

As iniciativas de educação podem pertencer ao poder central e local do Estado ou a outras pessoas singulares ou colectivas, públicas ou privadas, competindo ao Ministério da Educação a definição das normas gerais de educação, nomeadamente nos seus aspectos pedagógicos e andragógicos, técnicos, de apoio e fiscalização do seu cumprimento e aplicação.

O Estado Angolano pode, mediante processos e mecanismo a estabelecer, integrar no sistema de educação os estabelecimentos escolares sediados nos países onde seja expressiva a comunidade angolana, respeitando o ordenamento jurídico do País hospedeiro.

O ensino primário é obrigatório para todos os indivíduos que frequentam o subsistema do ensino geral. O subsistema de ensino geral constitui o fundamento do sistema de educação para conferir uma formação integral, harmoniosa e uma base sólida e necessária à continuação de estudos em subsistemas subsequentes.

O subsistema do ensino geral estrutura-se em:

- a) Ensino primário;
- b) Ensino secundário.

O ensino primário, unificado por seis anos, constitui a base do ensino geral, tanto para educação regular como para a educação de adultos e é o ponto de partida para os estudos a nível secundário.

### **1.3. Caracterização do ensino primário**

O Ensino Primário tem como função social proporcionar conhecimentos necessários com qualidade requerida, desenvolver capacidade e aptidões, consciencializar para a aquisição de valores para a vida social e para os prosseguimentos de estudos.

Os materiais que servem de suporte ao ensino da língua Portuguesa na 4ª classe compreendem o programa, manuais (livro de Língua Portuguesa, gramática, guia do professor de Língua Portuguesa, etc.) Ressalte-se que muitos dos alunos que frequentam a 4ª classe não dispõem destes materiais, sobretudo o manual, o que torna deficitária a tarefa de ensino (por parte de professores) -aprendizagem (por parte de alunos).

O ensino-aprendizagem em todos os subsistemas de ensino em Angola é ministrado em português, assim o português se torna um meio indispensável como disciplina curricular e como também um meio através do qual se apreende todos os saberes curriculares.

O ensino da Língua Portuguesa na 4ª classe deve centrar-se no desenvolvimento global dos conhecimentos a nível cognitivo, afectivo e social, pois como veículo e forma de cultura, a língua constitui um meio de acesso à formação escolar e extra-escolar.

#### **1.4. O perfil de professores do ensino primário**

Ao professor exige-se cumulativa e equilibradamente a qualidade ética intelectual e afectiva, da qual dependerá a formação global dos seus alunos, e seu dever é ajudá-los a integrar-se e a compreender o mundo que os rodeia adaptando-se às necessidades e resolução dos problemas que irão enfrentar tanto no prosseguimento de estudo como na vida profissional e social cumpre-lhe estimular o prazer de aprender, o gosto pela descoberta, o respeito pela diferença de ritmo dos alunos promovendo o desenvolvimento da autonomia.

Espera-se o saber orientar, no universo complexo dos valores encontrem a moderna democracia, encontrando justas qualidades entre tradição e modernidade.

O professor tem que continuar internamente jovem, tem que criar eventos em cada momento, não pode deixar-se pela rotina e pela fadiga, sem o entusiasmo do professor muito dificilmente os alunos encontram prazer que a escola tem para oferecer.

Por outro lado, consertando a formação contínua como meio definido para produção da mudança atribui ao professor a responsabilidade de dirigir o seu próprio percurso de formação e de adaptar as necessidades sentidas no seu quotidiano laboral.

- Neste contexto o domínio e a utilização das novas tecnologias assumem especial relevância.

- Competências tradicionalmente reconhecidas tais como: ser capaz de organizar e de orientar as situações de aprendizagem, de gerir a progressão de aprendizagem, de implicar os alunos nos seus trabalhos, de conceber e desenvolver mecanismos de diferenciação. Esta tarefa será conseguida quanto mais for a capacidade do professor.

O sucesso de capacitação de cada professor depende da sua capacidade para promover um diálogo equilibrado e produtivo. Não só faz sentido o diálogo com os alunos o seu interlocutor mais directo, como também com os pais e encarregados de educação cuja participação individual é representada pela

associação de pais, é fundamental para que a aprendizagem transcenda aos hábitos restritos do universo escolar.

É fundamental que o professor seja bom utilizador do português padrão, que conheça bem a língua, que a domine sob a forma de registo oral quer na sua forma de escrita, que conheça a gramática do português como diz Aguiar e Silva: que “qualquer língua é código” e o professor tem de ter conhecimentos de técnicas de controlo de respiração e colocação da voz, domínio das tecnologias, domínio seguro de ortografia e da pontuação são alguns ingredientes.

O perfil desejado para os professores do ensino primário, antes, porém, deve respeitar a língua que o aluno traz, e quanto ao professor, este deve estar sempre preparado no que concerne à maneira de como se apresenta no seu vestuário, a linguagem/comunicação, dentro e fora da instituição escolar, isso porque o aluno encara o professor como modelo, exemplo a seguir e também o considerando espelho da sociedade.

Uma boa comunicação é fundamental para um professor do ensino primário, pois a criança encontra no professor muitas qualidades que possam ajudar melhor o seu desenvolvimento intelectual.

### **1.5. Objectivos de Ensino Primário em Angola**

Os objectivos de ensino primário em Angola privilegiam a aquisição por parte de alunos de ferramentas básicas que o possam habilitar a comunicar-se, usando as diferentes habilidades comunicativas, com destaque à oralidade, à escrita e à leitura, esta última o nosso objecto de estudo. As diferentes habilidades que o programa faz referência podem ser desenvolvidas se as condições mínimas de trabalho estiverem à disposição de professores e estes forem plenamente treinados para o efeito. Ressalte-se aqui alguns dos objectivos de ensino primário, que nos parecem pertinentes:

- a) Desenvolver e aperfeiçoar o domínio da comunicação e da expressão;
- b) Aperfeiçoar hábitos, atitudes tendentes à socialização;

- c) Proporcionar conhecimentos e capacidades de desenvolvimento das faculdades mentais;
- d) Estimular o espírito estético com vista ao desenvolvimento da criação artística;
- e) Garantir a prática sistemática de educação física e de actividades gimno-desportivas para o aperfeiçoamento das habilidades psicomotoras (cf. *Lei de Bases do Sistema de Ensino em Angola, 2001*)

### **1.6. Metas curriculares do Ensino Primário, 4ª Classe**

A Lei de Bases Lei 13/01 de 31 de Dezembro 2001 define o sistema de educação como um conjunto de processos, princípios e modalidades, através das quais se realiza a educação. Há, portanto, que se proceder a estruturação de um conjunto de aprendizagens atinentes ao alcance da formação harmoniosa e integral da personalidade do aluno, com vista a consolidação de uma sociedade próspera, livre e democrática.

O documento refere que a Língua Portuguesa não é para a maioria das crianças angolanas a sua língua materna, daí o cuidado de no ensino primário se adaptarem métodos e técnicas eficazes de levar os alunos a efetuarem uma transição pacífica e consciente das aprendizagens oriundas do círculo familiar e social para a aprendizagem e o conhecimento de conteúdos devidamente estruturados e ministrados nas instituições do ensino.

Os objectivos gerais do ensino da disciplina de Língua Portuguesa na 4ª classe visam desenvolver na criança a oralidade, a leitura e a escrita de maneira a adquirir uma determinada competência linguística, ferramentas que permitam analisar o desenvolvimento integral da criança para a melhoria qualitativa dos resultados escolares.

No entanto. Esses objectivos poderão não se concretizar se continuarmos a verificar, em alguns alunos, esse nível de insuficiência no ensino da leitura nas escolas do ensino primário do Município de Chitato. Daí que, dada a natureza globalizante da criança face às actividades da língua, os conteúdos da oralidade, da leitura, da escrita e da gramática não devem ser tratados como unidades isoladas, mas sim, de maneira interligada e de prática permanente

devidamente orientados para as suas vivências. Em suma, torna-se necessário adequar a metodologia de ensino de leitura nos alunos de acordo com a complexidade dos factores sociais e especificidade da região.

## Capítulo II- Enquadramento Teórico

### 2.1 . Panorâmica sobre a leitura

Etimologicamente, ler deriva do Latim «lego/ legere», que significa recolher, apanhar, escolher, captar com os olhos. Neste contexto, enfatizamos a leitura da palavra escrita.

Se tivermos em conta as ideias do Luckesi (2003:119) que «(...) a leitura para atender o seu pleno sentido e significado, deve intencionalmente, referir-se à realidade; caso contrário, ela será um processo mecânico de descodificação de símbolos». Logo, todo o ser humano é capaz de ler e lê efectivamente.

Na perspectiva do ensino, ler é um meio eficaz de alcançar o desenvolvimento intelectual, social, espiritual e moral do homem e, portanto, a leitura reveste-se de um alto significado e constitui um elemento essencial na formação integradora das novas gerações; de igual modo, a leitura constitui um dos meios de aprendizagem mais eficazes. Não só facilita ao aluno a sua formação técnica ou profissional, mas também o uso sistemático dos diferentes textos fomenta no leitor hábitos de estudo independente que lhe servirão para ampliar cada vez mais os conhecimentos. De igual modo, contribui para desenvolver capacidades na expressão oral e escrita que permitam fazer um uso cada vez mais correcto, culto e expressivo da língua.

Niza (2012: 555) aponta a importância dos professores em desenvolver a prática de leitura e outras habilidades como a escrita aos seus alunos, tudo porque para o autor referenciado é fundamental que o professor incentive a todos níveis essa vontade da prática leitora, como defende de forma clara que «só escrevendo reflexivamente, se aprende a ler, lendo continuamente.

Pinto (2005: 371) refere que se deve «*investir desde cedo e com firmeza na linguagem oral*», tudo porque a oralidade, embora não seja um factor decisivo, acaba por comprometer a forma de ler e escrever do aluno em todas as suas facetas de aprendizagem.

Piaget (1979), Ausubel (1978), Vigotsky (1998), debruçaram-se, em diversos trabalhos, sobre a leitura, sua aquisição, necessidade de seu incentivo e aquisição de outras habilidades necessárias. De acordo com Piaget (10-12

anos), dá-se a correspondência ao nível de pensamento concreto e ao nível do pensamento abstracto e proporcional. Assim se considera que a construção de ferramentas básicas está relacionada com o desenvolvimento cognitivo e metacognitivo da linguagem e do pensamento.

Assim, Piaget (1979) refere à adequação do nível de complexidade de que conteúdos o aluno deve aprender, a sua capacidade mental, isto é, o docente deve ter em conta no decurso da concepção das suas actividades, que não se deve exceder a capacidade intelectual e cognitiva dos sujeitos a quem se destinam as actividades programadas.

Na visão de Vigotsky (1998), assume-se o enfoque sócio-histórico com base numa teoria instrumental, histórica e cultural. Sendo uma teoria por que concebe o homem como um ser activo que opera no meio e o transforma mediante o uso de instrumentos à sua disposição. Para este teórico, o homem tem ao seu alcance dois tipos de instrumentos, sendo ferramenta e signos. As ferramentas ajudam-no a actuar material e fisicamente sobre o meio, transformando-o, bem como os signos passam a representar a realidade interna só podem transformar ou apresentar a competência para transformar a capacidade mental da pessoa se se fizer o uso adequado.

A Escola é um dos agentes responsáveis para a integração do aluno na sociedade, além da família. É uma componente capaz de contribuir para o bom desenvolvimento de uma socialização adequada do aluno, através de actividades em grupos e individual de forma que capacite o relacionamento e a participação activa das mesmas, caracterizando em cada aluno os sentimentos de sentir-se um ser social.

A leitura na escola tem sido fundamentalmente um objecto de ensino. Para que este se constitua num objecto de aprendizagem é necessário que tenha sentido para o aluno. A actividade da leitura dentro da prática docente, deve compreender uma prática social complexa trabalhando com diversidade de textos e de combinações entre eles, incluindo a leitura de vários textos.

Silva (1985:62) sugere que o acto de ler seja visto como «um instrumento de consciencialização e libertação necessária a emancipação do homem na busca incessante de sua plenitude; assim o processo de leitura apresenta-se como uma actividade que possibilita a participação do homem na vida em sociedade

em termos de compreensão do presente e do passado e possibilidades de transformação cultural». Portanto, a escola deve oferecer materiais de qualidade para os seus educandos, para torna-los leitores profissionais, com a prática de leitura eficazes, levando-os a participarem activamente da sociedade em que estão inseridos exercendo conscientemente a cidadania.

Trabalhar com a leitura é uma prática que tem significado para a vida do aluno, significa trabalhar com a diversidade de objectos e modalidades que caracterizam a leitura, ou seja, diferentes formas para resolver um problema prático, informar-se divertir-se, estudar, escrever ou revisar o próprio texto.

A leitura também deve ser fonte de prazer e nunca uma actividade obrigatória cercada de ameaças e castigos, encerrada com uma imposição do mundo adulto. Para se ler é preciso gostar de ler.

Para se tornar um leitor capaz e proficiente, será preciso ter uma boa motivação, principalmente por parte dos professores na escola, muitas vezes a escola é o ambiente onde o aluno tem oportunidade de conviver com os recursos e materiais que envolvem leitura como livros, cartazes, revistas, panfletos, jornais e outros que podem facilitar e construir o processo de desenvolvimento da leitura.

As actividades de leitura para os alunos do ensino primário, propõe-se a situar o indivíduo no contexto social no qual está inserido. A leitura é a expressão de estética da vida e contribui significativamente para a formação do indivíduo, influenciando-o nas diversas formas de encarar a vida. A leitura permite entrar em contacto com um mundo desconhecido, viajar e conhecer lugares e épocas diferentes, ampliando capacidade cognitiva de cada ser. A leitura deve ser vista como uma habilidade indispensável à vida sociocultural essa habilidade pode ser construída com base em práticas específicas estruturadas. A leitura não é só uma das ferramentas mais importantes para o estudo e o trabalho, é um instrumento muito prazeroso à vida.

Do ponto de vista psicológico, a leitura é uma actividade valiosa, por meio da qual não só se alcançam momentos de recreação, mas também se ajuda a ampliar os limites da experiência.

Goodman (1982:18) afirma que “toda a leitura é interpretação e que o que leitor é capaz de compreender e aprender através da leitura”.

Rogova (1983:21): “A leitura é um processo complexo da actividade da linguagem. Como está estreitamente relacionada com a compreensão do que se lê, a leitura é um trabalho complicado, requer do leitor a capacidade de levar a cabo várias operações mentais: análise, síntese, introdução e compreensão”.

Ramírez (1984:51): “A leitura é um complexo processo de pensamento que deve chegar, por meio duma sequência – desenvolvimento gradual e permanente de destrezas e capacidades – à compreensão”.

Merlo (1985:51): “Ler não é somente descodificar. Também é aprender a valer-se dos signos para descobrir mundos, forjar imagens, conhecer personagens, penetrar, enfim, no mundo novo da arte literária”. M. Dubois (1986:32): “A leitura é um processo de interacção entre o pensamento e a linguagem e a compreensão na construção do significado do texto por parte do leitor”.

Grass e Fonseca (1986:32): “A leitura é uma complexa actividade mental. Ler é um processo psicolinguístico através do qual o leitor reconstrói uma mensagem que foi codificada por um escritor em forma gráfico. Ler não é somente reconhecer as palavras e captar as ideias apresentadas, mas também reflectir sobre a sua significação.”

Estes autores coincidem de uma forma ou de outra por se considerarem que a leitura é um processo de descodificação da significação textual e implica uma posição activa do leitor. Independentemente disso, considera-se que a leitura é um processo interno em que a informação transita de um plano interpsicológico para um plano intrapsicológico de uma forma dinâmica e participativa, em que o emissor influi no receptor consciente ou subconscientemente, o que possibilita que este último restruture ou forme novos esquemas a partir do entendimento, compreensão e interpretação do texto escrito.

O processo da leitura pode ser definido de várias maneiras, dependendo não só do enfoque dado (linguístico, psicológico, social, fenomenológico, etc.), mas também do grau de generalidade com que se pretenda definir o termo; no

entanto, a leitura é acto ou efeito de ler, o que se lê, arte de ler, conhecimentos adquiridos pela leitura; Para Brandão e Micheletti (2002:9); é um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de interacção de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica com o outro pela mediação de palavras. O acto de ler não pode se caracterizar como uma actividade passiva. É através do ato de ler que o homem interage com outros homens por meio da palavra escrita.

Kleiman (1989:10), refere que a “leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objectivos e necessidades socialmente determinados”. Portanto, a leitura deve ser entendida como o resultado de sentido. O texto é o resultado de um trabalho anterior do autor e chega até ao leitor convidando, desafiando a sua importância da leitura. Ler não é, pois, descodificar, traduzir, repetir sentidos dados como prontos, é construir uma sequência de sentidos a partir dos índices que o sentido do autor quis dar a seu texto.

O leitor qualificado é aquele que consegue interagir com o texto, identificando não apenas elementos explícitos no texto, mas também lendo nas entrelinhas, ou seja, extraíndo significados também de elementos que não estão explícitos no texto.

### **2.3 Requisitos para atingir capacidades gerais de competência de Leitura no aluno**

A observação crítica, ao longo do trabalho investigativo na escola de Dundo Central, mostrou ser de fundamental importância o trabalho de delineamento de objectivos para as práticas de leituras. No seu conjunto, estas práticas têm em mira a educação de um tipo específico de leitor. Desejamos formar leitores competentes, capazes de se situar conscientemente no contexto social e, ao mesmo tempo, capazes de accionar processos de leitura, praticados e aprendidos na escola, no sentido de participar da conquista de uma convivência social mais feliz e menos injusta para todos.

O nosso propósito é de que, a aquisição da capacidade geral de leitura enquanto processo prolongado que não se desenvolve apenas numa sala de

aula, numa unidade ou em poucos meses; seja feita de forma sistemática de diferentes textos com leituras frequentes e adequadamente doseadas que permitam o desenvolvimento das operações gerais e, com isso, a consecução da meta. No entanto, a leitura de forma sistemática de diferentes tipos de textos não só contribui, mas também constitui o modelo idóneo, o exercício ideal que culmina com a consecução da capacidade aprimorada da leitura.

Assim, podemos concordar com Ramos e Naranjo (2014: 106): " A capacidade, como modo de interacção do sujeito com objecto, é o conteúdo das acções que o sujeito realiza (...) para avaliar a capacidade de leitura há que precisar ou ter em conta o sujeito (leitor) que realiza a acção de ler, o objecto (texto) que recebe acção do sujeito, o objectivo que será a aspiração consciente do sujeito, o sistema de operações, como estrutura técnica de capacidade, e por último, a imagem da capacidade, que é a estrutura mostrada no processo de aprendizagem".

#### **2.4. Importância de ler**

A leitura é a base, é um dos escalões primordiais dos quais o ser humano tem acesso a uma grande parte cultural, facilita a aprendizagem de um grande acúmulo de conhecimentos e contribui para a formação de valores. A sua importância reside no desenvolvimento intelectual do ser humano, uma leitura de qualidade representa sem duvidas uma oportunidade de ampliar a consciência, a visão do mundo.

O desenvolvimento tecnológico contribuiu e vem contribuindo para agravar o abissal distanciamento do homem com o livro, comprometendo a saudável relação do leitor com o livro. Gostaríamos de enfatizar que falar da importância de que a leitura se reveste, não caberia num trabalho como o nosso, mas é destacável a leitura constitui uma das vias principais para assimilação de experiência acumulada pela humanidade. O seu ensino coadjuva o desenvolvimento intelectual e afectivo do aluno, especialmente no campo das línguas estrangeiras, mas também facilita a aprendizagem da língua portuguesa.

Segundo Cabrera (1989:34), “(...) o processo de leitura sempre interessou de todos os pontos de vista aos investigadores psicólogos, pedagogos, poligrafistas, oftalmologistas, e higienistas, entre outros. A atenção para com este complicado processo não perde força, antes cresce actualmente, quando o homem, por meio do vocábulo impresso, obtém um considerável volume de informação visual”.

A leitura é instrumento de capital importância em todas as esferas da vida social. Para apreciar a sua funcionalidade basta saber que, segundo Fay, (1956:43), 75% do que se aprende chega por via da letra impressa.

Cabrera (1989:34) destaca o papel deste processo ao exprimir que: “Hoje em dia, apesar do aparecimento de novas vias e meios de assimilação de conhecimentos, a leitura continua a ser um dos modos fundamentais de receber a informação visual.” Embora actualmente as crianças se distraiam mais com dispositivos electrónicos, fruto das novas tecnologias de informação e comunicação, a leitura não é insubstituível. Reconhecemos também que são estes meios que prendem mais as crianças à leitura. Todavia, os professores, os adultos e os encarregados de educação são chamados a alertar as crianças, no que diz respeito aos benefícios que a leitura proporciona.

A importância dos livros assume a oportunidade impar na promoção da leitura, o livro é um mecanismo através do qual o aluno encontra possibilidade de pesquisar sobre determinado assunto ou tema, descobre afinidades com as ideias do autor, desenvolve o senso crítico, enriquece o vocabulário, enfim, inúmeros são os benefícios da leitura no quotidiano escolar.

A necessidade de muita leitura propicia a obtenção de informações, em relação a qualquer contexto, e em relação a área de conhecimento, assim como, pode constituir-se em fontes de entretenimento. Para uns actividade prazerosa, para outros um desafio a conquistar. Urge compreender que a técnica da leitura garante um estudo eficiente quando aplicada qualitativamente.

Investigações atestam que o sucesso nas carreiras e actividades na actualidade relacionam-se, estreitamente, com o hábito da leitura proveitosa,

pois além de aprofundar estudos, possibilita a aquisição dos conhecimentos produzidos e sistematizados historicamente pela humanidade.

O objectivo maior ao proceder à leitura de uma determinada obra consiste em "aprender, entender e reter o que se está a ler." (Magro, 1979:9). Por conseguinte, inquestionavelmente, a leitura também é uma prática que requer aprendizagem para tal e, sem sombra de dúvida, uma actividade ainda pouco desenvolvida. Neste particular, Salomon (2004:54) enfatiza que "a leitura não é simplesmente o acto de ler. É uma questão de hábito ou aprendizagem. Além do incentivo e a promoção de espaços permanentes de leitura, é preciso criar o prazer para este ofício.

## **2.5. O significado do acto de ler**

Cagliari (2004:22) lembra que ler é uma actividade muito complicada e que a leitura é a realização da finalidade da escrita. O autor fala ainda que, apesar da complexidade, a leitura tem importância na vida do indivíduo, visto que a maioria dos problemas enfrentados pelos alunos desde criança até ao nível superior está relacionado com as dificuldades de leitura. Pensamos que a leitura é condição básica do ser humano no sentido de compreensão do mundo, pois, todo o mundo que nos rodeia pode ser compreendido com base na leitura.

A leitura não se limita apenas à descodificação de símbolos, mas envolve uma série de táticas que permitem ao sujeito compreender o que lê. Um leitor competente é alguém por iniciativa própria capaz de seleccionar dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade.

Portanto, observa-se que a capacidade para aprender a ler está ligada ao contexto pessoal do sujeito. Desta maneira, Lajolo (2002) afirma que cada leitor, por exemplo, entrelaça o significado pessoal das suas leituras do mundo com os vários significados que ele encontrou ao longo da história de um livro.

## **2.6. O ensino-aprendizagem da Leitura**

Actualmente, a prática da leitura se faz presente nas nossas vidas desde que começamos a compreender o mundo à nossa volta, no constante desejo de decifrar e interpretar o sentido das coisas que nos cercam, de perceber o mundo sob diversas perspectivas, de relacionar a realidade ficcional com que vivemos, no contacto com um livro, enfim, em todos estes casos estamos, de certa forma, lendo, embora muitas vezes, não nos demos conta. A actividade de leitura não corresponde a uma simples descodificação de símbolos, mais significa de facto, interpretar e compreender o que se lê.

Segundo Kleiman (2006), a leitura precisa de permitir que o leitor apreenda o sentido do texto, não podendo transformar-se em mera decifração de signos linguísticos sem a compreensão semântica dos mesmos. Nesse processamento do texto, tornam-se imprescindíveis também alguns conhecimentos prévios do leitor, os que correspondem ao vocabulário e regras da língua e o seu uso; os textuais, que englobam conjunto de noções e conceito sobre o texto e os do mundo, que correspondem ao acervo pessoal do leitor. Numa leitura satisfatória, ou seja, na qual a compreensão do que se lê é alcançada, esses diversos tipos de conhecimentos estão em interacção. Logo, percebemos que a leitura é um processo interactivo.

A sociedade em que crescemos e vivemos é uma sociedade na qual se fala e se lê. Enunciados orais e escritos rodeiam-nos, fazem parte do nosso quotidiano.

Nos seus primórdios pré-visuais, a linguagem é eminentemente social e comunicativa, como refere Vygotsky (1979), e, embora pareça ser inata, só será completamente activada se a criança (con) viver com pessoas que falem com ela e entre si. Por outras palavras, o jovem ser humano só falará se efectivamente crescer num meio falante e dialogante.

Ora as primeiras formas pré-linguísticas de interacção comunicativas da criança com mais velhos já possuem as estruturas do diálogo. Wells (1982), citado por Vygotsky, referindo-se aos estudos de Trevarthen (1977), indicam que, logo nas primeiras semanas de vida, surge um tipo de interacção entre

mãe e filho que este investigador designou como pró-diálogo. Por seu lado, Menyuk (1987) assevera que o número de ocasiões em que a criança toma a vez em diálogos, assim como a qualidade desses diálogos, associa-se positivamente a rápidos desenvolvimentos linguísticos e comunicativos.

Todavia, se a aquisição da linguagem falada ocorre espontaneamente (em situações e com crianças ditas normais), o mesmo não sucede com a aprendizagem da leitura, a que requer alguma consciencialização de que se está a aprender e um certo nível de explicitação e análise de quem envia (Sim-Sim, 1998).

Se a função comunicativa já está presente nas manifestações pré-verbais da criança, conferindo-lhes pertinência e sentido, também deverá envolver naturalmente os primeiros contactos formais (e informais) da criança com a leitura. Basicamente, ler implica comunicar, entrar em diálogo com o escrito; concordar, discordar, conseguir informações necessárias para realizar algo, obter distração, prazer e companhia.

## **2.7. Modelos de aprendizagem da leitura**

### **2.7.1. Modelos ascendentes**

Estes modelos consideram que o leitor procede a uma análise sequencial e serial dos dados, hierarquizada dos planos inferiores para os superiores. Por outras palavras, o leitor parte dos grafemas para as lexemas, destes para a frase e da junção de frase para o texto. Os modelos ascendentes consideram, na generalidade, que o acesso ao sentido se faça a partir das correspondências grafema-fonema.

Supõem que a aprendizagem da leitura deve iniciar-se pelas competências de nível inferior (grafemas e fonemas), destacando, assim, os processos de decifração. Porém, estes modelos não explicam por que é que os grafemas são melhor identificados quando fazem parte de palavras e estas, quando integradas em frases significativas para o leitor. Além disso, as frases são melhor compreendidas quando há acordo semântico entre duas ou mais.

### 2.7.2. Modelos descendentes

Os modelos descendentes sugerem o oposto. O leitor, activando os seus conhecimentos e expectativas, projecta um sentido no texto, o qual será confirmado ou infirmado pela leitura. A via visual-semântica é valorizada como meio de acesso ao sentido. No quadro destes modelos, ler «seria um processo de *identificação* directa de signos globais, de *antecipações* baseadas em predições léxico-semânticas e sintácticas e de *verificação* das hipóteses produzidas (Mendes & Martins, 1986:32). O tratamento dos dados efectuar-se-ia em paralelo e o leitor recorria simultaneamente a diversos sistemas de índices.

Estes modelos valorizam os processos de predição à sensibilização ao contexto linguístico e à mobilização do conhecimento semântico e conceptual do indivíduo. A aprendizagem orienta-se, em primeiro lugar, para a compreensão.

Porém, a pesquisa tem mostrado que os leitores competentes, além de recorrerem a estratégias de tipo de descendentes, também são exímios no emprego de competências descendentes, tanto na identificação de grafemas isolados, como na correspondência grafema-fonema e no reconhecimento de lexemas descontextualizados.

Os maus leitores mostram dificuldades em ler palavras isoladas ou em reconhecer letras isoladas. Estes dados indicam que os leitores experientes aprenderam e automatizaram eficientemente estas competências de nível inferior, o mesmo não sucedendo com os leitores menos competentes. No plano da aprendizagem, estas pistas interessam, pois, o aprendente já dispõe normalmente de competências de nível superior relevantes (conhecimento do mundo, de vocabulário, de estruturas sintácticas, de estruturas textuais...). O que lhe falta aprender ou aperfeiçoar e automatizar são as competências de tipo ascendente (conhecer e discriminar grafemas).

## 2.8. Classificação didáctica da Leitura

Para a Classificação mais generalizada no ensino desta capacidade comunicativa, recorremos a Cino (1990:3): “Existem várias classificações dos tipos de leitura. Nem todos os especialistas chegaram a um consenso sobre a terminologia que se deve empregar neste sentido”. Não obstante, o importante é a adequada utilização dependendo das exigências práticas e dos objectivos propostos.

Por outro lado, os diversos tipos de leitura, atendo a diferentes aspectos são assim classificados:

- Tipos fundamentais de leitura: de familiarização, de estudo e de orientação.
- Pelo tempo de leitura e modo de trabalhar o texto: intensiva e extensiva.
- Pelos processos de trabalho com o texto: analítica ou sintética.
- Dependendo das operações linguísticas relacionadas com a elaboração intelectual com o lido: sem tradução.
- Pelo grau de ajuda de que podem valar-se os alunos com dicionários, sem dicionários; com um trabalho prévio, com dificuldades; preparada e não preparada.
- Pela forma de organizar actividade em aula, fora de aula e na ausência de docente, por ordem do professor; real por iniciativa do aluno: frontal, individual; em voz alta, em coro, em voz alta.

Por seu turno, Grass (1986:27) faz referência ao seguinte:

Leitura oral: Difere da silenciosa na sua forma de se manifestar.

Leitura expressiva: A prática desta contribui para o aperfeiçoamento da dicção e da entoação dos alunos.

Leitura dramatizada: contribui para a formação integral dos alunos; através dela evidenciam-se as capacidades conseguidas na leitura oral e expressiva. Cada leitor deve representar as personagens por meio da voz.

Leitura coral: tem objectivos comuns aos da leitura dramatizada, mas além disso, o fundamental é lograr o ritmo adequado e uma harmonia vocal parecida com a dos coros cantados.

Leitura criativa: contribui para que os alunos aprendam a escrever. Por meio dela, os alunos fazem sua obra, vivem-na, assimilam-na.

Para desenvolver as capacidades que intervêm no processo de descodificação de texto, é necessário sistematizar as operações que intervêm na acção de ler e uma classificação didáctica sintetizada seria de grande utilidade, pois faz com que o educador conheça a via mais directa entre um ponto X (em que se encontra o estudante) e o ponto Y que é aonde o professor quer que o aluno chegue.

## **2.9. Cuidados a ter no acto de Leitura**

A leitura ocupa um lugar preponderante dentro dos planos de estudos por ser a base do resto das disciplinas curriculares. Portanto, o mesmo merece especial atenção dentro da actividade escolar e também na sociedade. Daí que seja importante que os países desenvolvam programas ou projectos nacionais para acrescentar esta importante capacidade comunicativa.

O ensino da leitura constitui uma das vias principais para a assimilação da experiência acumulada pela humanidade. O seu ensino coadjuva o desenvolvimento intelectual e afectivo dos alunos, especialmente no campo das línguas, em que não só o acesso ao conhecimento científico-cultural, mas também facilita a aprendizagem de qualquer língua.

A leitura em voz alta facilita a percepção, visual e não visual, dos educandos período inicial do ensino e requer três vezes mais perdas de energia do que a leitura em silêncio; por conseguinte, esta leitura em voz alta deve ser limitada, pois a leitura ininterrupta durante mais de sete minutos por alunos a este nível (4ª classe) pode levar a alterações funcionais do sistema nervoso central. Daí que a leitura em voz alta só deve ser utilizada para ensinar a correspondência som-grafia ou a lecto escrita e não para desenvolver a capacidade geral de ler.

As condições óptimas que favorecem a assimilação do texto impresso, seja em suporte de papel, electromagnético ou de outro material propicie uma leitura prolongada sem que provoque esgotamento constituem o objecto da higiene da leitura.

Esta abrange a solução de quatro (4) aspectos essenciais, entre muitos outros que possam existir.

- Iluminação durante a leitura.
- A posição do texto
- A apresentação do texto
- A complexidade semântica do texto.

## **2.10. Dificuldades de Leitura**

Os problemas específicos da leitura situam-se ao nível cognitivos e neurológicos, não existindo para os mesmos uma explicação evidente (Rebelo, 1993).

Durante o ensino da leitura, os professores começam imediatamente a ensinar os alunos a exprimirem-se por escrito. Verdadeiramente, trata-se de os levar a transcrever sílabas que o professor pronuncia em voz alta. Os exercícios escritos de certos elementos da linguagem podem tornar-se difíceis para principiantes que desconhecem quais as letras que devem escrever. Podem eventualmente começar a surgir algumas dificuldades na aprendizagem da escrita.

As dificuldades de aprendizagem da leitura interessam vários especialistas de formação científica e profissionais de diferentes áreas, tais como médicos, psicólogos, professores, educadores, terapeutas e pais.

A aquisição e desenvolvimento de competências leitoras fará com que a criança mobilize o seu conhecimento de leitura, para outras situações do quotidiano e faça com que ela adquira “um domínio razoável e acrescido da leitura” (Rebelo, 1993:69).

A superação de dificuldades de leitura é indispensável para um grande número de aprendizagens escolares ou extra-escolares e ter problemas na sua

aquisição significará, em grande parte, encontrar dificuldades noutras áreas de aprendizagem.

### **2.11. O papel da Escola no incentivo à Leitura**

A escola pode ser considerada para as crianças e jovens, como sendo um segundo lar e uma segunda família, devido ao tempo e horas que lá passam. A escola está integrada intimamente na vida do aluno tendo diversos factores em comum com o quotidiano do aluno e isso é crucial nesta relação.

Uma escola desligada do mundo exterior dos seus alunos, dos seus anseios, dos seus interesses e aflições, corre seriamente o risco de ser ultrapassada e ficar para atrás, contribuindo desta forma para a criação de “inimigos de leitura”.

A escola deve por isso discutir assuntos de vária ordem e que os alunos gostem, servindo de atractivo para os hábitos de leitura, fazendo com que os alunos progressivamente desejem explorar outros temas, outros livros e anseiem conhecer novas histórias que os conduzam a universo desconhecido. De acordo com Sousa (1986:41), “é preciso angariar a simpatia dos alunos oferecendo-lhes oportunidades de experiências pessoais em sintonia com as experiências de texto”. É sempre bom que o aluno deseje leituras além das oferecidas pelos professores, que ele surja sem condicionamentos, quando e onde ele desejar, livremente.

Ser leitor é uma base para a vida, é uma óptima ferramenta para enfrentar os desleixos da sociedade, e a escola, sem dúvida, exerce um factor importantíssimo no que se refere à construção do ser humano, consciente de tudo que o rodeia.

Segundo Freire (1996), nas sociedades subdesenvolvidas o único lugar onde as pessoas têm acesso e contacto com os livros é apenas na escola. A partir deste pressuposto reconhece-se a relevância da escola, que jamais irá substituir os pais naquilo que lhes compete, mas serve de apoio aos futuros adultos nas complexas visões acerca do universo que vivem, pois, a leitura não está relacionada apenas com texto, mas também com acontecimento e

vivência e com factos que sucedem nas entrelinhas perante os olhos de cada um e que, muitas vezes não são realmente que aparentam ser.

Numa escola onde existe participação dos pais no seu conselho, na redacção do jornal, na biblioteca, nos clubes, em projectos de salas de aula, ao lado dos professores e das crianças, cria-se uma excelente dinâmica na qual evoluem as representações, os estatutos e os papéis de cada um dos participantes.

Ler e fomentar leitura faz-se, também na Escola e a sua importância é de tal forma extrema que sem saber ler pode permanecer-se na “escuridão” e pode contribuir-se para a permanência de desigualdades no acesso à educação, à literacia e à cultura.

A promoção de uma educação literária, junto das crianças, tem quase sempre como recurso pedagógico privilegiado o texto literário. O contacto com os livros revela-se de grande importância, não só porque as crianças o podem manipular, mas, apercebem-se igualmente da sua materialidade.

Segundo Rebelo (1993), ler não é apenas correlacionar letras com sons: implica, igualmente, compreender e transmitir mensagens, o que impõe conhecimentos da estrutura linguística. A escola possibilita ainda promover o gosto pela leitura; criar um ambiente social favorável à leitura; relacionar e valorizar práticas pedagógicas e outras experiências que estimulem o prazer de ler entre crianças; visualizar a leitura como um meio divertido de comunicar e alargar horizontes; e, compreender a leitura para melhor compreensão das restantes áreas do saber.

A falta de incentivo na infância é uma das agravantes que leva os alunos a não gostarem de ler e escrever. Desde logo na infância, a leitura precisa de ser incentivada pelos pais, pela família. Mas na realidade isso nem sempre acontece, pois sabemos que isso é algo complicado. Deste modo, a escola deverá criar metodologias para educar os alunos para a prática da leitura (Cruz, 2007).

A partir do momento em que qualquer criança começa a ler ou qualquer criança que tenha dificuldades na leitura, os livros com textos curtos são muito importantes, pois proporcionam-lhes um desafio de leitura mais adequado às

suas competências. Se o texto for demasiado grande, o esforço e o tempo despendidos com a descodificação não permitirão apreender o sentido global do texto e, conseqüentemente, obter gosto na tarefa. À medida que a criança consegue ler melhor e mais autonomamente e a sua idade vai aumentando, o leque de escolhas alarga-se. Como sabemos, a leitura é um prazer que se adquire lendo.

Quanto mais cedo se começa a desenvolver o gosto pela leitura nas crianças, mais possibilidades existem de essa missão ser bem-sucedida.

Uma excelente forma de levar as crianças a gostar de ler é inculcar-lhes, desde cedo hábitos de leitura, contando-lhes histórias, por exemplo. Sendo assim, este contacto com as histórias e os livros deve ocorrer desde o nascimento (e até mesmo antes dele). Se ao bebé e, posteriormente, à criança em idade pré-escolar forem proporcionadas oportunidades de brincar com livros, estes tornar-se-ão objectos do dia-a-dia (Rebello, 1993).

As crianças que lêem, ou ouvem ler, e contactam com livros todos os dias, desenvolvem-se melhor e têm mais sucesso na escola. Como incentivo à leitura, algumas escolas têm realizado projectos, com o objectivo de despertar o interesse dos alunos para tal.

A construção de uma boa biblioteca é, desde logo um incentivo à leitura. Crianças que aprendem a conviver com os livros desde cedo aprendem a amá-los e reverenciá-los como fonte de cultura e saber.

Para despertar o interesse pela leitura existe um variadíssimo leque de acções práticas que podem ser adoptadas pelos professores, das quais passamos a citar: criar o dia do livro na sala de aula, onde o professor leva uma caixa com vários livros, que os alunos escolhem ao seu gosto e depois contam a história aos outros colegas; fazer leituras colectivas, em que o professor lê para as crianças diversos tipos de textos; é igualmente importante dar o exemplo aos alunos, sendo um bom consumidor de livros; promover oportunidades de troca de experiências e informações dos livros lidos, no ambiente escolar, incentiva a prática de leitura; entre outras.

Queremos assim dizer com isto que perante a leitura e incentivo para tal é necessário adoptar estratégias para com os alunos, como criar actividades

lúdicas, onde estes se sintam assim motivados para a mesma, adquirindo deste modo, hábitos de leitura.

É preciso redescobrir o prazer de ler, é preciso redescobrir o gosto pela leitura. O sucesso na escrita é decorrente do investimento na leitura e não se constrói uma sociedade sem letras. A escola é um espaço formal e informal de leitura. Biblioteca e sala de aula são espaços formais de leitura e de actividades de leitura.

A leitura pode ajudar a proporcionar comunidades leitoras de referência e “(...) dar assim aos jovens a possibilidade de virem a ser homens e mulheres mais dialogantes, mais livres, mais solidários e mais responsáveis” (Aguar e Silva, *apud* Castro, 1998:50).

## **2.12. A biblioteca escolar como Espaço de Promoção da Leitura**

A biblioteca escolar constitui o ambiente de acesso e uso da informação através da leitura de livros, de textos da Internet ou outros. O que interessa considerar neste ponto é o texto que vai ser lido, seja em suporte de papel, seja em suporte informático.

Os actos de leitura individual podem e devem ser estimulados em qualquer lugar, desde a sala de aula, ao recreio, passando pela biblioteca. Mas são os actos de leitura em grupo que necessitam de mais cuidados na planificação e no acompanhamento. A discussão após a leitura é absolutamente necessária para aprofundar e esclarecer as ideias expressas no texto.

O contacto com os autores e a consequente possibilidade de questionamento sobre o tema dos textos actua não só como factor de motivação, mas também como reforço da competência de comunicação. Deste modo, a biblioteca escolar pode organizar diversas actividades, como por exemplo:

- O dia do autor (um autor vem à escola conversar sobre um determinado livro da sua autoria).
- O livro da semana (em cada semana é aconselhada a leitura de um determinado livro pelo bibliotecário).

- O cantinho da leitura (recanto da biblioteca onde semanalmente e em grupo, os alunos lêem um livro, sob a orientação de um professor, seguindo-se comentário discutido e participativo).
- A leitura em conjunto, assumindo um aluno o papel de narrador e alguns dos restantes o papel de outras personagens, sob a orientação de um professor.
- Seminário sobre um tema que aglutine conhecimentos de várias disciplinas, em que cada aluno dá o seu contributo, após diversas leituras sobre o subtema que estudou (o conjunto dos subtemas tratados permite esclarecer melhor o tema central).
- Encontros com dramaturgos, poetas, romancistas, cientistas, ensaístas.
- Escrita de comentários sobre livros.
- Promoção da utilização dos recursos existentes na biblioteca escolar nas aulas das diversas disciplinas que integram o currículo.
- Organização de feiras do livro na escola com a colaboração de editores e livreiros locais.
- Desenvolvimento de acções de sensibilização de pais e encarregados de educação para a problemática da leitura, em colaboração com o(a) Director(a) de Turma.

A organização de tais actividades pode ocorrer mono disciplinarmente ou interdisciplinarmente, tendo sempre em conta os interesses dos alunos, a fim de os motivar mais fortemente, promovendo mais eficazmente o seu desenvolvimento educacional.

## **2.12. Método do ensino da Leitura**

Os métodos de ensino da leitura adoptados e os exercícios dos manuais escolares influenciam a aprendizagem da leitura e podem minimizar as dificuldades. Por exemplo, um método que privilegia a apresentação de palavras de forma global, sem análise de fonemas, não conduz à descoberta do princípio alfabético. Se durante dois meses apresentássemos 20 palavras a crianças do 1º ano de escolaridade, sem fazer uma análise ao nível do fonema, e depois procedêssemos a recombinação dos mesmos para formação de novas palavras, não obteríamos bons resultados.

As crianças memorizariam visualmente as palavras, mas não conseguiriam ler palavras novas, precisamente porque os mecanismos específicos da leitura, como já vimos, são mecanismos de descodificação.

Os métodos de ensino da leitura dividem-se em duas grandes categorias:

-Método global;

-Método sintético (fónico).

O método global pressupõe um processamento logo gráfico das palavras e privilegia o significado. Este método aposta no interesse e na motivação das crianças, considerando que o prazer de ler suprime a necessidade de trabalhar elementos fónicos de forma controlada. As crianças são levadas a memorizar visualmente as palavras apresentadas e oralmente as frases onde estas aparecem. A maior limitação do método global relaciona-se com o encorajamento do «jogo psicolinguístico» ou o constante adivinhar das palavras a partir do contexto em que estas aparecem.

O método fónico pode partir tanto das sílabas, para conduzir a criança apreender as suas mais pequenas unidades (fonemas e grafemas), como destas para construir a pronúncia das sílabas. As expressões método analítico e sintético são tradicionalmente referidas em oposição, mas, mais geralmente, o método fónico combina, ou deve combinar, os dois tipos de actividade. De facto, enquanto a abordagem analítica permite à criança tomar consciência dos fonemas e relacionar estes com os grafemas correspondentes.

Os métodos fónicos apoiam inicialmente actividades de discriminação visual e auditiva e não repetição de sons como forma de assegurar a tomada de consciência de fonema, de fazer compreender o princípio alfabético e de consolidar o conhecimento progressivo das correspondências grafema-fonema e das suas possíveis combinações.

É costume falar-se também de método misto e, de facto, muitos alfabetizados crêem ser proveitoso combinar a memorização oral de extractos de pequenos textos com o treino dos processos de descodificação das palavras escritas. Trata-se sem dúvida de uma má compreensão de real necessidade de

desenvolver nas crianças tanto o conhecimento da linguagem e do mundo, com a conseqüente ênfase no significado, como o estudo sistemático do código escrito. A combinação dos dois objectivos numa mesma actividade gera confusão nas crianças que ficam sem saber o que é ler. Pior, sendo compatível com as limitações inerentes aos processos cognitivos de atenção, ela influencia negativamente, por um lado, a progressão de habilidade específica da leitura e, por outro lado, a motivação, o prazer e proveito associado à aquisição de novos conhecimentos.

Há método que como o nas 28 palavras, na identificação de sílabas para formação de novas palavras. No entanto, não é suficiente entender que *caneca* pode ser formada com duas sílabas da palavra *boneca* é necessário aprender combinações diferentes (ex., *ne,en,ni,in,on,no e ir,ri,ra,ri*) para conseguir ler palavras novas. Embora menos irrealista do que um método global o método silábico também não tem em conta o princípio da escrita alfabética e as vantagens de uma aprendizagem fundada na compreensão deste princípio.

### **2.13. Relação entre Leitura e Escrita**

O estudo das relações entre a leitura e a escrita não dispensa análise mais detalhada do sistema utilizado para representar a linguagem no texto impresso. De facto, as regras utilizadas para a codificação escrita da linguagem coloca ao utilizador diferentes graus de dificuldade conforme este se situa como leitor ou como escritor. A escrita é uma actividade linguística da mais elevada importância, uma forma de expressão e comunicação e um meio de valorização da vida escolar, social e cultural. A leitura, tal como a escrita, tem muito a ver com êxito na aprendizagem das diferentes disciplinas curriculares. O desenvolvimento da competência da leitura reflecte-se também na criação de habilidades a nível da escrita. Ambas competências se beneficiam de forma ambivalente. A leitura e a escrita são domínio inter-relacionados leitura deve, no entanto, ser o ponto de partida para a aquisição de conhecimentos dos vários tipos de texto, bem como das técnicas de redacção. O domínio da leitura assim como da escrita, é fundamental para participação social e efectiva, pois é por meio delas que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende ponto de vistas e produz os conhecimentos. As diferenças entre elas

traduzem muitas vezes vantagens adaptativas para uma determinada língua e cultura. A linguagem escrita contribui para dar a comunicação uma forma permanente e uma espécie de plenitude que lhe oferece determinadas vantagens para comunicar através do espaço e do tempo. Muitos psicólogos argumentam que ler e escrever promove um tipo específico de pensamento sistemático. Vygotsky (1962:180-181) referiu-se à escrita «discurso escrito» e como tendo uma função linguística distinta. Vygotsky argumentou que o ler e o escrever diferem do discurso oral, quer em termo de discurso quer em modo de funcionamento.

A leitura permite-nos aprender com pessoas que não podemos conhecer pessoalmente. Escrever ajuda-nos a sustentar e organizar o pensamento. Para além disso, aprender a ler e a escrever permite-nos expressar opiniões e sermos críticos em relação ao que os outros escreveram.

## **Capítulo - III Análise e Tratamento de Dados**

### **3.1. Metodologia**

A metodologia para este trabalho é composta por questionário dirigidos aos alunos da 4ª classe e professores de Língua Portuguesa a este Nível de Ensino, observamos ainda aulas de leitura da 4ª classe. O questionário dos alunos foi composto por perguntas sobre o seu próprio grau de leitura, a etapa académica em que apreendeu, a possibilidade de saber ler noutras línguas e sobre as línguas faladas em casa. As respostas a este questionário, estão organizadas em tabelas que vão de 1 á 5.

No inquérito para os professores levantaram-se questões sobre a qualidade de leitura dos alunos, as principais dificuldades no acto de leitura e os métodos utilizados na sua aprendizagem. As respostas a este questionário, estão organizadas em tabelas que vão do 6 á 8.

Usamos uma ficha de observação de leitura, onde destacamos itens como correcção na pontuação/entoação, influencia da leitura, ritmo, expressividade e articulação. As respostas a este questionário, estão organizadas em tabelas que vão do 9 á 13.

A população do trabalho foi composta por 800 alunos e 5 professores de língua portuguesa. Amostra foi de 80 alunos e 5 professores.

Os professores responderam ao inquérito, assim como os alunos e os alunos ainda foram observados em relação aos itens avançados na ficha de leitura.

### **3.2. Levantamento dos dados fornecidos pela amostra**

Os dados que vamos mostrar a seguir, pertencem aos alunos e aos professores, quer dos inquéritos e quer da ficha de observação.

**Tabela-1**

**Respostas do inquérito aos alunos**

1. Como considera o seu grau de leitura?

<b>Nº</b>	<b>Respostas</b>	<b>Alunos</b>	<b>Percentagem</b>
1	Bom	15	18,75%
2	Suficiente	10	12,5%
3	Deficiente	55	68,75%
4	Total	80	100%

A maior parte dos alunos inquiridos, 68,75%, diz que o seu grau de leitura é deficiente.

Podemos observar que os alunos são honestos o suficiente para reconhecerem que têm deficiência na leitura. É praticamente um pedido de ajuda, pois parece que a medida que os anos vão passando, não há capacidade de o ensino melhorar o seu grau de leitura.

**Tabela-2**

**Respostas do inquérito aos alunos**

2. Em que classe aprendeste a ler?

<b>Nº</b>	<b>Respostas</b>	<b>Alunos</b>	<b>Percentagem</b>
1	2ª classe	15	18,75%
2	3ª classe	15	18,75%
3	4ª classe	50	62,5%
4	Total	80	100%

A maioria dos alunos por nós inquiridos (62,5%) diz que aprendeu a ler na 4ª classe. Isto mostra claramente, que na 2ª e 3ª classes não foram cumpridos os objectivos que orientam o processo de ensino-aprendizagem da escrita e da leitura.

Não foram cumpridos igualmente os objectivos gerais da disciplina de Língua Portuguesa na 1ª classe de onde salientamos os seguintes: *usar formas elementares de comunicação oral e escrita nas relações com os colegas, a*

família e as pessoas em geral; ler e escrever frases muito simples relacionados com a vida local (bairros, comunas e município)<sup>1</sup>.

**Tabela-3**

**Respostas do inquérito aos alunos**

3. Além de leres em Português, sabes ler noutras línguas?

<b>Nº</b>	<b>Respostas</b>	<b>Alunos</b>	<b>Percentagem</b>
1	Sim	0	0%
2	Não	80	100%
3	Total	80	100%

Todos os alunos só sabem ler em português, correspondendo a 100% dos inquiridos. Tal facto, justifica-se se entendermos que em Angola o ensino é feito apenas em português, tal como prescreve a Lei de Base da Educação e Ensino<sup>2</sup>.

**Tabela-4**

**Respostas do inquérito aos alunos**

3.1. Se sim, quais?

<b>Nº</b>	<b>Respostas</b>	<b>Alunos</b>	<b>Percentagem</b>
1	Cokwe	0	0%
2	Lunda	0	0%
3	Txiluba	0	0%
4	Bangala	0	0%
5	Ukongo	0	0%
6	Total	100	100%

Esta tabela refere que, além da Língua Portuguesa, os alunos usam também as línguas Cokwe, Lunda, Txiluba, Bangala e Ukongo, mas não lêem nas mesmas línguas.

<sup>1</sup>Programas do ensino primário de língua portuguesa da 1ª classe de março 2003.

<sup>2</sup> Artigo 16, Língua de Ensino, 1.

**Tabela- 5**  
**Respostas do inquérito aos alunos**

5. Indica as Línguas faladas em casa para além do Português?

<b>Nº</b>	<b>Respostas</b>	<b>Alunos</b>	<b>Percentagem</b>
1	Cokwe	45	56.25%
2	Lunda	10	12,5,%
3	Txiluba	10	12,5%
4	Bangala	5	6.25%
5	Ukongo	10	12,5%
6	Total	80	100%

A maioria dos alunos fala o Cokwe nas suas casas. Este facto é justificável por ser a língua bantu predominante na região da Lunda-Norte. As outras línguas são minoritárias por terem pouco falantes dessas línguas.

**Tabela- 6**  
**Respostas do inquérito aos professores**

1. Como avalia a qualidade da leitura dos seus alunos?

<b>Nº</b>	<b>Respostas</b>	<b>Alunos</b>	<b>Percentagem</b>
1	Boa	0	0%
2	Suficiente	0	0%
3	Deficiente	2	40%
4	Má	3	60%
5	Total	80	100%

A maioria dos professores, 60%, disse que a qualidade da leitura dos seus alunos é má. 40% refere que a leitura dos seus alunos é deficiente. Daí insistirmos na necessidade de professores capazes em lidar com as dificuldades que os alunos apresentam no dia a dia no que concerne à leitura. Embora reconheçamos também que existam professores capazes de ensinar os alunos a ler, e o conceito de qualidade de leitura varie de autor para autor.

**Tabela- 7**  
**Respostas do inquérito aos professores**

2.Quais são as principais dificuldades que nota nos seus alunos no acto da leitura?

<b>Nº</b>	<b>Respostas</b>	<b>Professores</b>	<b>Percentagem</b>
1	Aprendizagem tardia da Língua Portuguesa	2	40%
2	Confusão com a sua Língua Materna	3	60%
3	Total	5	100%

A maioria dos professores disse que as principais dificuldades notadas nos seus alunos, no acto de leitura, são causadas pela confusão com a sua língua materna. Embora acreditemos que muitos factores estão na base das dificuldades que os alunos apresentam no acto da leitura, desde a fraca orientação por parte de professores.

**Tabela- 8**  
**Respostas do inquérito aos professores**

3.Que métodos utiliza para ajudar os alunos a aprenderem a ler?

<b>Nº</b>	<b>Respostas</b>	<b>Professores</b>	<b>Percentagem</b>
1	Não especificou	2	40%
2	Leitura em grupo sob a orientação de um aluno que sabe ler	3	60%
3	Total	5	100%

60% dos professores inquiridos usa a leitura em grupo sob a coordenação de um aluno que sabe ler como um método para ajudar os alunos a aprenderem a ler. Esta estratégia é usada para acudir a o problema da sobrelotação das turmas tentando assim abarcar todos os alunos da turma. Há ainda o recurso a outros métodos vários que entretanto, os professores não especificaram. A análise deste quadro mostra que há ainda um número que, pode ser considerável, de alunos que não sabem ler.

**Tabela- 9**

**Resposta de observação de leitura**

<b>Nº</b>	<b>Correcção na pontuação/entoação</b>	<b>Alunos</b>	<b>Percentagem</b>
1	Troca algumas letras/salta palavras	50	62,5%
2	Hesita em palavras, mas respeita pontuação	20	25,%
3	Não há falhas	10	12,5%
4	Total	80	100%

Em relação à correcção na pontuação/ entoação, com base na ficha e nos itens observados, do total dos alunos inquiridos, 62,5% troca algumas letras/ salta palavras, o que em si nos preocupa bastante. 25% hesita em palavras, mas respeita a pontuação, o que quer dizer que só 12,5% do universo inquirido, se apresenta relativamente bem quanto aos itens observados.

**Tabela- 10**

**Resposta de observação de leitura**

<b>Nº</b>	<b>Fluência da leitura</b>	<b>Alunos</b>	<b>Percentagem</b>
1	Lê demasiado alto ou demasiado baixo	25	31,25%
2	Muda rapidamente de intensidade	40	50%
3	Lê com uma intensidade apropriada	15	18,75%
4	Total	80	100%

Em relação à fluência da leitura, 31,25 % lê demasiado alto ou baixo, 50% muda rapidamente de intensidade e apenas 18,75% é capaz de ler com uma intensidade apropriada. isso quer dizer que muito tem de ser feito para uma leitura apropriada.

**Tabela- 11**

**Resposta de observação de leitura**

<b>Nº</b>	<b>Ritmo</b>	<b>Alunos</b>	<b>Percentagem</b>
1	Demasiado rápido ou demasiado lento	40	50%
2	Um pouco rápido ou um pouco lento	30	37,5%
3	Adequa o ritmo ao sentido do texto	10	12,5%
4	Total	80	100%

Em relação ao ritmo, 50% apresenta um ritmo demasiado rápido ou demasiado lento, 37,5% apresenta o ritmo um pouco rápido ou um pouco lento, apenas 12,5% apresenta um ritmo que se adequa ao sentido do texto. Quer dizer que a adequação do ritmo de sentido do texto é uma habilidade que deve ser aperfeiçoada.

**Tabela- 12**

**Resposta de observação de leitura**

<b>Nº</b>	<b>Expressividade</b>	<b>Alunos</b>	<b>Percentagem</b>
1	Falta de expressividade	30	37,5%
2	Entoação pouco expressiva	35	43,75%
3	Entoação bastante expressiva	15	18,75%
4	Total	80	100%

Em relação à expressividade, 37,5% denota falta clara de expressividade, 43,75% apresenta entoação pouco expressiva, apenas 18,75% demonstra entoação bastante expressiva, implica dizer que no capítulo de expressividade os nossos alunos têm muitas dificuldades. Estes aspectos advêm da fraca noção da importância dos sinais de pontuação, percepção do contexto da leitura de diferentes tipos de texto e de actividades complementares de leitura.

**Tabela- 13**

**Resposta de observação de leitura**

<b>Nº</b>	<b>Articulação</b>	<b>Alunos</b>	<b>Porcentagem</b>
1	Omite sons	45	56,25%
2	É pouco claro	30	37,5%
3	Articula bem todo o texto	5	6,25%
4	Total	80	100%

Quanto à articulação 56,25% omite sons, o que representa uma cifra bastante considerável, 37,5% em termos de articulação situa-se no pouco claro, apenas 6,25% articula bem todo o texto, considerando a articulação como uma das habilidades básicas da leitura, inferimos que os alunos da 4ª classe da Escola do Dundo Central, apresentam muitas insuficiências na leitura a esse nível. Essas insuficiências devem ser tratadas de forma individual para o professor se aperceber caso a caso e até para perceber casos de ajuda psicológica.

## **Capítulo IV- Propostas Metodológicas**

### **Proposta de actividades metodológicas para melhorar o processo de Ensino-aprendizagem da leitura**

#### **2.3.1. Actividade Nº 1**

Elaboração de Álbuns

**Objectivos:** Aumentar a criatividade;

- Incentivar a leitura para assegurar a qualidade.

**Professor:** entrega aos alunos um quadriculado elaborado em cartão, Cartolina para ser preenchido de acordo com a categoria indicada que se deseja trabalhar (objectos, animais, núcleo familiar...)

**Aluno:** desenhará e pintará seus cromos e logo os pegará em cada quadro onde esteja o nome, lendo em voz alta as figuras por si desenhadas.

**Meios de ensino:** Cartão, Tesoura, Lápis e Quadriculado

#### **2.3.2. Actividade Nº 2**

**Paramento de palavras e figuras**

**Objectivos**

- Fixar a concentração;

- Fomentar a leitura para assegurar a qualidade ao riscar linhas.

**Actividade do Professor:** entrega aos alunos uma fotocópia, onde aparecerão várias figuras e o nome de cada uma destas em forma aleatória.

**Actividade do Aluno:** deve observar a fotocópia, ler as palavras, unir cada palavra à sua figura correspondente.

**Meios de ensino:** Cartão, Tesoura, Lápis e Quadriculado

### 2.3.3. Actividade Nº 3

#### Palavras Cruzadas

##### Objectivos

- Aumentar a criatividade;
- Incentivar a escritura e a leitura.

**Actividade do Professor:** entrega aos alunos uma folha fotocopiada com palavras cruzadas.

**Actividade do aluno:** devem escrever o nome do objecto, animal conforme indique o desenho bem, seja em forma vertical (ascendente, descendente) ou horizontal (Para cima ou para baixo)

**Meios de ensino:** Palavra cruzada, Lápis.

### 2.3.5. Actividade Nº 4

#### Separação de Palavras em Sílabas.

##### Objectivos

- Incentivar a leitura;
- Identificar Sílabas.

**Actividade do Professor:** entrega a cada aluno uma folha fotocopiada com figuras, orientando que cada aluno escreva nome da figura, separando-o em sílaba no quadriculado indicado, não lhe deve sobrar nem lhe faltar espaços nos quadriculados. O professor dará um tempo determinado para que resolvam a actividade e logo mostra num papel já resolvida para que verifiquem ou corrijam.

**Actividade do aluno:** atribui o nome às figuras segundo o tempo que lhe for regulamentado pelo professor.

**Meios de ensino:** uma folha com figuras, Lápis, Lâmina de papel.

### **Acentuação gráfica**

O professor por meio de um texto avalia o nível de atenção e conhecimento da acentuação por parte dos alunos e no fim ensina como ocorre e que sinais devem ser utilizados em cada palavra.

### **Objectivo**

- Reconhecer a utilidade dos Sinais de pontuação.
- Ajudar os alunos, aliando teoria à prática, para que aprendam a ler, respeitando os sinais de pontuação que estão na base de expressividade, entoação, ritmo, fluidez, etc.

O sol da tarde já tinha fugido, só o céu azul era agora vermelho como o sangue do Xoxombo. Soprava um vento pequeno que levava as lamentações e choros das mulheres ali à volta. Mas ninguém que resolvia nada, só o velho capitão continuava a limpar o sangue. Foi mesmo o Zeca Bunéu que salvou o caso. Na zuna, todos viram-lhe correr pelo capim, aos saltos parecia era cabrito, para esquivar os cacos; mais tarde, quando chegou a ambulância a gritar a buzina dela e levaram o Xoxombo no Hospital Central é que a gente soubemos que o menino adiantou correr na padaria, onde que meu pai estava trabalhar, e pediu-lhe para telefonar no hospital.

In “**Nosso Musseque**”, José Luandino Viera.

## Capítulo -V Conclusões e Sugestões

O ensino da leitura não pode ser feito com recurso a apenas a um método. É preciso recorrer alguns métodos e é necessário também ver a possibilidade de aglutinação de métodos.

Num espaço de plurilinguismo como nosso, os problemas podem ser diversos e as soluções difíceis de encontrar. Exige-se capacidade do professor e algum conhecimento das principais línguas do espaço em referência. Mesmo assim, deve ser solicitada ajuda aos investigadores sobre o fenómeno da aprendizagem da leitura ainda que sejam especialistas de realidades similares.

- Gama (2008) afirma que:

*A leitura assenta no princípio de que a percepção consiste em representar ou organizar a informação consoante os conhecimentos prévios do leitor. Assim, as diferenças entre leitores advêm dos diferentes conhecimentos de base. No caso dos alunos de Língua Portuguesa Não Materna é de considerar que, para compreender um texto é impreterível que o leitor possua conhecimentos prévios do tema que nele é tratado, mas não é suficiente para que o leitor compreenda o que lê, é necessário que domine o código linguístico.*

Frith (1985) citado por Maranhe (s/d, p.135) apresenta a seguinte visão:

*A aquisição e o desenvolvimento da leitura e escrita é um processo interactivo e passa por três fases: logográfica, alfabética e ortográfica. Na fase logográfica, a criança lê de maneira visual directa. Ela reconhece palavras familiares pertencentes ao seu vocabulário de visão.*

De acordo com Sonhi e Chacuanda (2018), a escola não tem garantido o desenvolvimento de habilidades inferenciais elaboradas para o surgimento de leitores maduros através da valorização da reflexão e da reconstrução do conhecimento, perpetuando ao contrário, a prática da leitura reprodutiva, calcada na perspectiva empirista do conhecimento e, conseqüentemente, o desenvolvimento da passividade, da falta de criatividade, e de crítica do aluno-leitor.

## 4.2. Sugestões

Chicolassoni & Muafunza (2017, p. 25) acham fundamental que o grande objectivo das escolas seja o de inculcarem nos alunos o hábito de leitura enquanto futuros académicos. Os autores apresentam três elementos que consideram ser a chave para o alcance deste desiderato:

- Proporcionar experiências e leituras gratificantes.
- Desenvolver capacidades leitoras.
- Favorecer o espírito crítico.

Importa que no aluno sejam tidas em conta estas valências para que o assegurem no futuro como um bom académico, o primeiro elemento tem que ver com a própria experiência do professor e a vertente motivacional, o segundo depende muito do primeiro, pois as capacidades leitoras dependem de como se veicula o ensino da leitura e, a terceira que é a última tem a dependência dos dois primeiros elementos, mas parece-nos ser o mais importante no final do processo do ensino da leitura, achamos nós que é muito importante que o aluno saiba ser crítico naquilo que lê, de formas que aprenda com precisão.

Marcela & Pacheco (2011, p.10) acrescentam ainda:

Sob esse prisma, o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita, far-se-á de maneira interactiva, dinâmica e integral. Actualmente, vários estudiosos na área da educação têm direccionado seus discursos para a aprendizagem significativa, como um enfoque importante da educação escolar. Propõem-se procedimentos e técnicas para detectar o grau de significância da acção pedagógica e das aprendizagens realizadas.

Para que a aprendizagem seja significativa, será muito importante que o ensino seja baseado na interacção, pois é a partir da interacção que se poderá saber dos níveis de aprendizagem, quer dizer, para vermos se os alunos aprenderam significativamente, será importante ter em conta a vertente interactiva.

## **Recomendações**

O Ministério da Educação deve inspeccionar e avaliar o ensino primário principalmente a primeira classe para verificar o seguinte:

- a) Nível académico dos professores;
- b) Especialidade;
- c) Agregação pedagógica;
- d) Cumprimento dos objectivos gerais da 1ª classe.

O professor da 1ª classe deveria possuir as seguintes condições:

- a) Boa formação (bom como classificação do curso);
- b) Agregação pedagógica;
- c) As escolas do ensino primário deveram possuir boas condições de trabalho para que o ensino seja feito com a melhor qualidade possível.

## **Considerações Finais**

Os alunos reconhecem que o seu grau de leitura é deficiente.

O facto de encontrarmos alunos que não sabem ler na 4ª classe deriva do incumprimento dos objectivos gerais da disciplina de Língua Portuguesa nas primeiras classes.

Os alunos que sabem ler são aqueles que sabem falar português. As leis sobre o ensino em Angola não dão possibilidade de aprendizagem de leitura noutras línguas.

Os professores referem que a qualidade de leitura dos seus alunos é má. A cifra é praticamente de 100% uma vez que a outra alternativa é deficiente.

A língua materna dos alunos pode motivar algumas dificuldades na aprendizagem de leitura.

Começa a se desenhar a possibilidade de haver apenas 12,5% do universo inquerido que se apresenta bem na leitura, muito particularmente na correcção, na pontuação/entoação.

Os dados da nossa ficha de observação mostram que um número considerável de alunos não sabe ler.

Embora estimulante, 18,75% continua a ser negativo, é fundamental que os alunos se habituem a ler também em ambientes extra sala de aula.

A leitura é meio de apropriação de conhecimento e um meio de auto-conhecimento, quanto mais o aluno ler mais vai conhecer sobre o mundo que o rodeia e sobre si próprio.

Uma boa leitura deve ser feita de acordo com o conhecimento do contexto e do tipo do texto. Assim, teremos uma leitura adequada ao texto em questão.

Uma leitura deve poder ser resumida em articulação. A articulação dá indicações sobre a fidelidade de fonema, a existência ou não do fonema na sua língua materna e da ajuda que o aluno precisa neste particular.

## Bibliografia

Angola-Assembleia nacional- Lei de Base da Educação e Ensino 07 de Outubro 2016.

Azevedo, F. (2006), *Língua Materna e Literatura Infantil. Elementos nucleares para professores do ensino básico*. Lisboa -Porto: Lidel.

Ana L.G. P, Paula, Dellisa. 2009:14

Chicolassoni, D. B., Muafunza, J. (2017), *Proposta Metodológica para Desenvolver o hábito de Leitura na Disciplina de Língua Portuguesa nos alunos da 6ª Classe da Escola Primária do Carinhenga*. ESPLN.Dundo.

Cristina, M. R. et. al. (2004), *Evidências de Validade de uma Escala de Estratégias de Leitura para Universitários*. São Paulo.

Cruz, A. S. da (2013), *Estudo comparativo entre o perfil linguístico do falante urbano do Lubango e do Huambo e suas implicações no ensino do português*. Tese de Doutoramento em estudos portugueses. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa.

Cury, A. (2008), *O código da inteligência. A formação de mentes brilhantes e a busca pela excelência emocional e profissional*. Rio de Janeiro

Duarte, I. (2011), *O conhecimento da língua: desenvolver a consciência Lexical*. Lisboa: ministério da Educação.

Ferraz, M.J. (2006), *Ensino da Língua Materna*. Lisboa.

Fonseca, V. (1995), *Introdução às dificuldades de aprendizagem*. Porto. Porto Editora.

Freire, P. (1992), *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez Editora.

Freitas, R.M. (2007), *Do desenvolvimento do vocabulário e da compreensão Leitora no ensino e na aprendizagem do português: Teoria e prática*. Tese de mestrado em educação. Universidade do Minho.

Gama, M. L. F. A. (2008), *O Ensino do Português como Língua Não Materna – Que Metodologias?* Covilhã.

Gomes, Á. (2006), *Ortografia para todos: para ensinar a escrever sem erros*. Lisboa. Lisboa.

Leffa, V. L (1996), *Aspectos da Leitura*. Porto Alegre/ Brasil. Sagra Editoras.

Leiria, I. (1997), "*O papel dos conhecimentos prévios na aquisição de uma língua não materna*" Polifonia. Lisboa: Edições Colibri.

Lopes, J. (2002), *O Português Como Língua Segunda em África: problemáticas de planificação e Política linguística*. In *Uma Política de Língua para o Português*. Edições Colibri. Lisboa. Lucicleide M. de Cantalice (2004). *Ensino de estratégia de leitura*. São Paulo.

Maranhe, E. A. (s/d), *Uma Visão sobre a Aquisição da Leitura e da Escrita*. Núcleo de Educação a Distância – UNESP / São Paulo.

Mata, L. (2008), *Hábitos e práticas de leitura de histórias: como caracterizar?* Braga: Universidade do Minho.

Mateus, M. H. M.; Pereira, L. T. (2005), *Língua Portuguesa e Cooperação para o Desenvolvimento*. Lisboa.Lisboa.

Naege, J. M. (2015), *Aquisição da Competência Lexical na Aprendizagem do Português Língua segunda - Especificidades do aluno angolano*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa.

Neto, M. G. (2012), *Aproximação Linguística e Experiência Comunicacional*. Luanda.

Paxe, D. Á.; Cazamba, M. (2013), *Situação de Ensino do português na 9ª Classe. O caso Escola do I Ciclo do Ensino Secundário*. Tese de Licenciatura. Escola Superior Pedagógica da Lunda-Norte.

Revista iberoamericana de educación (2008). Acessada no 12. de Junho de 2015. [www.educacao](http://www.educacao)

Sakukuma, A. (2012), *Análise crítica do programa da reforma educativa para o ensino do português língua segunda na 7ª classe em Angola*. Dissertação de Mestrado em estudos portugueses. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa.

Sousa, O. C.; Cardoso, A. (2010), *Desenvolver Competências em língua: percurso didáctico*. Lisboa.

Sonhi, B.; Chacuanda, Fr. (2018), Da reflexão à prática: o ensino-aprendizagem da Leitura nos Alunos da 5ª Classe do Complexo Escolar Nº 14 Ex-Recinto dos Cavalos do Dundo. Monografia apresentada à Escola Superior Pedagógica da Lunda-Norte para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências da Educação no curso de ensino de Língua Portuguesa/ Dundo-Lunda Norte

Zoti, S. A. (2004), Sociedade e Educação e Currículo no Brasil. Brasília. Plano Editores.

## Apêndice-1

### 5.1. Tabela: Alunos

#### Tabela-1

7. Como considera o seu grau de leitura?

<b>Respostas</b>	<b>Alunos</b>	<b>Percentagem</b>
Bom		
Suficiente		
Deficiente		
Total		

#### Tabela-2

8. Em que classe aprendeste a ler?

<b>Respostas</b>	<b>Alunos</b>	<b>Percentagem</b>
2ª Classe		
3ª Classe		
4ª Classe		
Total		

#### Tabela-3

9. Além de leres em Português, sabes ler em outras línguas?

<b>Respostas</b>	<b>Alunos</b>	<b>Percentagem</b>
Sim		
Não		
Total		

**Tabela-4**

3.1.Se sim, quais?

<b>Respostas</b>	<b>Alunos</b>	<b>Percentagem</b>
Cokwe		
Lunda		
Txiluba		
Bangala		
Ukongo		
Total		

**Tabela- 5**

5.Indica as Línguas faladas em casa para além de Português?

<b>Respostas</b>	<b>Alunos</b>	<b>Percentagem</b>
Cokwe		
Lunda		
Txiluba		
Bangala		
Ukongo		
Total		

## Ficha de Observação de Leitura Oral

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO		ALUNOS												
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	...	...	
CORREÇÃO NA PONTUAÇÃO/ ENTOAÇÃO	Troca algumas letras ou salta palavras.													
	Hesita em palavras, mas respeita pontuação													
	Não houve falhas.													
FLUENCIA DA LEITURA	Lê demasiado alto ou demasiado baixo.													
	Muda rapidamente de intensidade.													
	Lê com uma intensidade apropriada.													
RITMO	Demasiado rápido ou demasiado lento.													
	Um pouco rápido ou um pouco lento.													
	Adequa o ritmo ao sentido do texto.													
EXPRESSIVIDADE	Falta de expressividade.													
	Entoação pouco expressiva.													
	Entoação bastante expressiva.													
ARTICULAÇÃO	Omite sons													
	É pouco claro													
	Articula bem todo o texto lido.													
PONTUAÇÃO de 1 a 5														

Nota: Refira-se que esta ficha resulta de uma adaptação de uma usada no Agrupamento de Escolas de Mértola, vila do distrito de Beja, Portugal, destinada aos alunos do 1º, 2º, 3º e 4º anos de escolaridade.

### Itens avaliados

Correcção na pontuação/entoação	Alunos	Percentagem
Troca algumas letras/salta palavras		
Hesita em palavras, mas respeita pontuação		
Não há falhas		
Total		

Fluência da leitura	Alunos	Percentagem
Lê demasiado alto ou demasiado baixo		
Muda rapidamente de intensidade		
Lê com uma intensidade apropriada		
Total		

<b>Ritmo</b>	<b>Alunos</b>	<b>Percentagem</b>
Demasiado rápido ou demasiado lento		
Um pouco rápido ou um pouco lento		
Adequa o ritmo ao sentido do texto		
Total		

<b>Expressividade</b>	<b>Alunos</b>	<b>Percentagem</b>
Falta de expressividade		
Entoação pouco expressiva		
Entoação bastante expressiva		
Total		

<b>Articulação</b>	<b>Alunos</b>	<b>Percentagem</b>
Omite sons		
É pouco claro		
Articula bem todo o texto		
Total		

## Apêndice-2

### 5.3. Tabela: Professores

1.Como avalia a qualidade da leitura dos seus alunos?

<b>Respostas</b>	<b>Alunos</b>	<b>Percentagem</b>
Boa		
Suficiente		
Deficiente		
Má		
Total		

### Tabela-2

2.Quais são as principais dificuldades que notam nos seus alunos no acto da leitura?

<b>Respostas</b>	<b>Professores</b>	<b>Percentagem</b>
Aprendizagem tardia da Língua Portuguesa		
Confusão com a sua Língua Materna		
Total		

### Tabela-3

3.Que métodos utiliza para ajudar os alunos a aprenderem a ler?

<b>Respostas</b>	<b>Professores</b>	<b>Percentagem</b>
Não especificou		
Leitura em grupo sob a orientação de um estudante que sabe ler		
Total		

### **Apêndice-3**

**À**

**Direcção da Escola Primária do Dundo Central**

#### **Assunto: Solicitação de aplicação de instrumento de pesquisa**

Sapalo Chinguinheca, estudante do 5<sup>o</sup> ano do Instituto Superior de Ciências de Educação da Huila, do curso de Ensino de Linguística Portuguesa, estando a levar a cabo uma pesquisa para o seu trabalho de fim de curso com título: *Estratégias de Leitura para os alunos da 4<sup>a</sup> classe da Escola Nº 09 do Ensino Primário de Dundo Central do Município do Chitato Província da Lunda-Norte.*

Vem, por esta via, solicitar que a Direcção supra se digne autorizar a sua presença na referida Escola para a aplicação de instrumento de pesquisa (inquérito por questionário).

Espera deferimento

---

Dundo, aos 28 de Fevereiro de 2016

## Apêndice-4

À

**Direcção da Escola Primária do Dundo Central**

### **Assunto: Solicitação de aplicação de instrumento de pesquisa**

Sapalo Chinguinheca, estudante do 5º ano do Instituto Superior de Ciências de Educação da Huila, do curso de Ensino de Linguística Portuguesa, estando a levar a cabo uma pesquisa para o seu trabalho de fim de curso com título: *Estratégias de Leitura para os alunos da 4ª classe da Escola Nº 09 do Ensino Primário de Dundo Central do Município do Chitato Província da Lunda-Norte.*

Vem, por esta via, solicitar que a Direcção supra se digne autorizar a sua presença na referida Escola para a aplicação de instrumento de pesquisa (ficha de observação de leitura oral).

Espera deferimento

---

Dundo, aos 25 de Março de 2018





INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO DA HUILA  
ISCED-HUILA

Ficha de Observação de Leitura Oral

para os alunos da 4ª classe da Escola Primária do Dundo Central/ Lunda-Norte

SALA-C

Critérios de avaliação	Alunos																	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	T		
ação na ação/entoação	Troca algumas letras	2	1	1	1	1	2	1	2	2	2	3	3	3	3	1	1	1
	Salta palavras	3	3	2	1	1	3	2	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2
	Hesita em palavras	2	2	2	2	1	2	3	2	2	2	2	1	2	1	1	1	3
cia da leitura	Respeita a pontuação	2	1	3	2	1	5	2	3	2	2	1	5	1	1	2	2	
	Lê demasiado alto ou lê demasiado baixo	3	2	3	2	1	5	2	3	1	2	1	3	3	2	2	2	
	Muda rapidamente de intensidade	1	1	3	2	1	3	1	2	2	1	1	3	3	3	2	3	
ssividade	Demasiado rápido ou demasiado lento	2	2	2	3	1	2	1	2	2	1	3	2	3	2	2	2	
	Um pouco rápido ou um pouco lento	3	3	2	3	1	1	2	2	1	3	2	2	2	2	2	2	
	Adequa o ritmo ao sentido do texto	5	2	1	2	1	2	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	
ssividade	Falta de expressividade	3	2	1	2	2	2	2	1	1	2	1	2	2	2	2	2	
	Entoação pouco expressiva ou entoação	2	2	1	2	3	1	2	1	2	2	1	2	2	2	1	1	





INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO DA HUILA  
 ISCED-HUILA

Ficha de Observação de Leitura Oral

para os alunos da 4ª classe da Escola Primária do Dundo Central/ Lunda-Norte

Critérios de avaliação	Alunos															
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	T
ação na entoação	Troca algumas letras	2	1	0	1	4	2	1	0	2	1	2	3	1	2	2
	Salta palavras	2	3	1	2	3	1	2	2	3	1	2	0	1	2	
	Hesita em palavras	3	1	2	3	2	1	0	2	2	1	4	2	2	4	3
	Respeita a pontuação	1	2	3	2	1	2	2	1	1	2	0	4	3	2	3
cia da leitura	Lê demasiado alto ou lê demasiado baixo	1	3	2	2	3	3	2	3	1	2	0	2	0	2	2
	Muda rapidamente de intensidade	2	2	1	1	2	1	2	0	1	1	2	2	1	1	1
	Demasiado rápido ou demasiado lento	1	1	0	3	2	2	2	1	1	2	2	1	3	3	2
	Um pouco rápido ou um pouco lento	2	0	1	2	3	1	3	2	2	1	2	2	1	3	2
ssividade	Adequa o ritmo ao sentido do texto	1	2	2	1	2	2	1	2	2	1	2	1	2	1	1
	Falta de expressividade	1	1	2	3	1	0	1	3	3	2	3	1	1	1	0
	Entoação pouco expressiva ou entoação	2	3	1	2	1	2	0	0	0	1	3	0	0	0	0

van Gerwin de  
 o resto das fcl  
 Sph A - B



## PLANO DE AULA Nº 2

Escola: 09 do Dundo Central do Município do Chitato

Data: 16/04/2018

Disciplina: Língua Portuguesa

Classe: 4ª

Tema: O Jornal

Aula n.º 02

Tipo de aula: Continuação (Observação da ficha de leitura)

Subtema: Leitura e Interpretação do Texto «O Jornal»

Duração: 45 minutos

Objectivos específicos: Caracterizar o estado actual da aprendizagem da leitura dos alunos da 4ª classe da escola do Dundo Central.

Tempo	Fases didácticas	Funções Didáctica	Conteúdo	Actividades		Métodos de ensino	Meios de ensino	Avaliação	Obs.
				Professor	Alunos				
5 Min.	<b>Introdução</b>	A N P: (Breves considerações sobre a importância da leitura feita pelo professor para os seus inqueridos O. A. O: Breves considerações dos objectivos da aplicação da ficha de observação de leitura aos alunos. Primeiro: Leitura silenciosa. Segundo: Leitura colectiva dos alunos. Terceiro: Leitura oral de forma individual	<b>Anexo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Orientação inicial da leitura silenciosa feita pelo Professor (orientador da pesquisa).</b></li> <li>• <b>Orientação da leitura colectiva dos alunos.</b></li> <li>• <b>Orientação da leitura individual aos alunos.</b></li> </ul>	<p>Leitura silenciosa feita pelos alunos sob olhar atento do pesquisador.</p> <p>Feitura da leitura colectiva, pelos alunos, sob orientação do professor.</p> <p>Execução da leitura oral individual sob olhar atento do professor (Investigador)</p>	Descritivo, aplicação de ficha de observação de aula.	Ficha de observação.	0 a 5	20 alunos seleccionados aleatoriamente em ambos os sexos, com idades compreendidas de 9 a 11 anos de idade.

30/35 Min.	<b>Desenvolvimento</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação do texto «O Jornal» feita pelo observador, com base na leitura modelo, obedecendo as distintas fases da leitura: silenciosa, colectiva; e a individual feita pelos alunos sob orientação do observador.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Apresentação inicial da leitura silenciosa feita pelo Professor (orientador da pesquisa).</b></li> <li>• <b>Apresentação da leitura colectiva dos alunos.</b></li> <li>• <b>Apresentação da leitura individual aos alunos.2</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Prestar atenção da leitura modelo feita pelo professor (investigador).</b></li> <li>• <b>Execução da leitura silenciosa com o acompanhamento feito pelo observador.</b></li> <li>• <b>Execução da leitura colectiva pelos alunos, acompanhada pelo observador.</b></li> <li>• <b>Execução da leitura individual para aferição dos itens contidos na ficha de observação.</b></li> </ul>				

5/10 Min.	<b>Conclusão</b>			<p>função da observação feita pelo investigador, com base no preenchimento feito da ficha de observação de leitura,</p> <p>o investigador conclui que todos os itens contidos na ficha, carecem de uma atenção especial no que diz respeito ao ensino (tarefa do professor),</p> <p>aprendizagem e a compreensão (tarefa do aluno) dos níveis de leitura; logo, em jeito de recomendação aos professores;</p> <p>maior atenção na avaliação dos níveis de leitura dos seus alunos (verificação das fases principais de leitura: silenciosa, colectiva e individual);</p> <p>o que pode facilitar tirar conclusões validas para a tomada de decisões consequentes e adequadas em termos de metodologias e técnicas para o ensino e aprendizagem da leitura.</p>	<p>Da constatação feita pelo observador, já na segunda aula, conclui que em função dos critérios de avaliação contidos na ficha: há debilidade na troca de algumas letras, na hesitação de algumas palavras, na pontuação, na intensidade, no ritmo, na expressividade, na rapidez e ou lentidão, na entoação, na omissão de sons e na articulação de todo o texto; em suma, em toda arquitetura do texto; há problemas, que também foram reconhecidos pelos observados apos apreciação critica. Deste modo, foi lhes recomendada a prática constante de exercício de leitura.</p>				
--------------	------------------	--	--	--	--	--	--	--	--

**O (a) PROFESSOR: Sapalo Chinguinheca**

## PLANO DE AULA Nº 1

Escola: 09 do Dundo Central do Município do Chitato

Data: 09/04/2018

Disciplina: Língua Portuguesa

Classe: 4ª

Tema: O Jornal

Aula n.º 01

Tipo de aula: Nova (Observação da ficha de leitura)

Subtema: Leitura e Interpretação do Texto «O Jornal»

Duração: 45 minutos

Objectivos específicos: Caracterizar o estado actual da aprendizagem da leitura dos alunos da 4ª classe da escola do Dundo Central.

Tempo	Fases didácticas	Funções Didáctica	Conteúdo	Actividades		Métodos de ensino	Meios de ensino	Avaliação	Obs.
				Professor	Alunos				
5 Min.	<b>Introdução</b>	A N P: (Breves considerações sobre a importância da leitura feita pelo professor para os seus inqueridos O. A. O: Breves considerações dos objectivos da aplicação da ficha de observação de leitura aos alunos. Primeiro: Leitura silenciosa. Segundo: Leitura colectiva dos alunos. Terceiro: Leitura oral de forma	<b>Anexo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Orientação inicial da leitura silenciosa feita pelo Professor (orientador da pesquisa).</b></li> <li>• <b>Orientação da leitura colectiva dos alunos.</b></li> <li>• <b>Orientação da leitura individual aos alunos.</b></li> </ul>	<p>Leitura silenciosa feita pelos alunos sob olhar atento do pesquisador.</p> <p>Feitura da leitura colectiva, pelos alunos, sob orientação do professor.</p> <p>Execução da leitura oral individual sob olhar atento do professor (Investigador)</p>	Descritivo, aplicação de ficha de observação de aula.	Ficha de observação.	0 a 5	20 alunos seleccionados aleatoriamente em ambos os sexos, com idades compreendidas de 9 a 11 anos de idade.

		individual							
30/35 Min.	<b>Desenvolvimento</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação do texto «O Jornal» feita pelo observador, com base na leitura modelo, obedecendo as distintas fases da leitura: silenciosa, colectiva; e a individual feita pelos alunos sob orientação do observador.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Apresentação inicial da leitura silenciosa feita pelo Professor (orientador da pesquisa).</b></li> <li>• <b>Apresentação da leitura colectiva dos alunos.</b></li> <li>• <b>Apresentação da leitura individual aos alunos.2</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Prestar atenção da leitura modelo feita pelo professor (investigador).</b></li> <li>• <b>Execução da leitura silenciosa com o acompanhamento feito pelo observador.</b></li> <li>• <b>Execução da leitura colectiva pelos alunos, acompanhada pelo observador.</b></li> <li>• <b>Execução da leitura individual para aferição dos itens contidos na ficha de observação.</b></li> </ul>					

5/10 Min.	<b>Conclusão</b>								
--------------	------------------	--	--	--	--	--	--	--	--

*O (a) PROFESSOR: Sapalo Chinguinheca*